

Os Limites da Traduzibilidade

Luiz Eduardo Saldanha Hargreaves
UnB

Resumo

Neste artigo se analisa a questão da traduzibilidade em um sentido geral, contrastando conceitos e teorias diversas e buscando uma solução teórica para o tema. Apresenta vários conceitos de tradução e de língua com o objetivo de estabelecer o ponto de partida para o estudo do tema. Na conclusão, estabelece duas visões da traduzibilidade que se opõem e se complementam ao mesmo tempo.

Palavras-chave: traduzibilidade, tradução, língua, texto.

Abstract

Analyses the issue of translatability in general terms, contrasting different concepts and theories and seeking a theoretical solution for it. Presents several concepts of translation and language with a view to establishing a starting point for the study. In the conclusion, establishes two views of translatability which can, at the same time, oppose and complement each other.

Este trabalho visa analisar a questão da traduzibilidade ou dos limites da tradução, levando em consideração diversas correntes de pensamento, além das experiências do autor e de outros tradutores. Entende-se por traduzibilidade a possibilidade de traduzir textos ou partes desses para outras línguas. Embora pareça uma questão de fácil resposta, uma análise mais profunda demonstra que se trata de um conceito bastante vago, que depende, na verdade, do próprio conceito de tradução.

As opiniões sobre o que significa tradução são várias, e será necessário definir o que se espera de uma tradução antes de estabelecer se essa é possível

ou não. Há quem diga que traduzir significa simplesmente transferir para outra língua os conceitos expressos na língua original, ou língua fonte. Para esses, os limites da traduzibilidade dependerão do próprio texto, havendo elementos de fácil tradução e outros considerados intraduzíveis.

Outros afirmam que traduzir é recriar o texto na outra língua. Ao falar de criação, o tradutor passa a ter mais autonomia e os limites da traduzibilidade se ampliam, o que permite ao tradutor participar do processo criativo e produzir um texto novo e velho ao mesmo tempo. O impossível é a própria arte do tradutor, que diariamente cria algo que não existe.

O objetivo deste trabalho não é demonstrar que uma ou outra teoria representa a verdade absoluta, algo que seria impossível. Sem dúvida, as opiniões pessoais do autor influenciarão a abordagem do tema, levando o leitor, talvez, a concordar com um ponto de vista mais do que outro. Contudo, o que se espera fazer é apresentar várias formas de abordar o mesmo conceito, descrevendo o que leva um autor a defender certas idéias e condenar outras.

Ao final deste trabalho, espera-se que o leitor tire suas próprias conclusões, e que contribua, com sua leitura e sua experiência, ao estudo da tradução e à transformação do intraduzível em traduzível.

A tradução

Ao iniciar um estudo sobre os limites da traduzibilidade, o primeiro passo há de ser, certamente, definir *traduzível*. Uma consulta rápida a um dicionário nos fornece a seguinte definição:

traduzível adj. m/f (traduzir+vel) Que se pode traduzir ou interpretar.

Pela simplicidade da explicação, tudo leva a crer que este trabalho não apresentará maiores dificuldades. Pelo menos, sabe-se o que é traduzível e deduz-se que deve haver algo que não se possa traduzir ou interpretar. Esse "algo" será, então, o objeto deste estudo¹.

Antes de prosseguir, contudo, é preciso esclarecer o que é tradução.

¹ TRADUZÍVEL. In: MICHAELIS – *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, p. 2094.

² TRADUÇÃO. In: MICHAELIS – *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, p. 2093.

Novamente, o dicionário nos ajuda com²:

tradução sf (lat traductio) 1) Ato ou efeito de traduzir. 2) Ato de traduzir palavras, frases ou obras escritas de uma língua para outra. 3) Obra assim traduzida. 4) Imagem, reflexo, repercussão. 5) Explicação, interpretação. T. interlinear: tradução literal para o estudo de línguas, em que, abaixo de cada linha do texto original, se coloca, em tipo menor, a respectiva linha de tradução. T. justalinear: tradução em que o texto de cada linha vai traduzido ao lado ou na linha imediata. T. literal: a que segue quase palavra por palavra o texto original. T. livre: aquela em que se traduzida para outra língua o pensamento e idéias do original sem se cingir às palavras textuais. T. paralela: sistema de tradução justalinear, no qual o texto traduzido forma coluna ao lado do texto original, correspondendo-lhe linha a linha. T. simultânea: diz-se, nos congressos internacionais, do sistema de tradução, por meio de fontes, de cada discurso que esteja sendo feito. T. sucessiva: diz-se, nos mesmos congressos, da tradução oral imediata, de cada discurso, por pessoa habilitada.

Desta feita, entretanto, as várias acepções do termo indicam que será necessário um exame mais detalhado de algumas delas, pois a compreensão de traduzibilidade dependerá do que se entende por tradução. Uma das definições refere-se à tradução como ato de transladar, ou transportar, palavras, frases, idéias de uma língua para outra. É, portanto, um processo dinâmico bastante simples e mecânico. Assim como uma ponte liga duas margens de um rio, a tradução liga duas línguas, dois povos, duas culturas.

Em seguida, sugere-se que tradução seja também o resultado desse processo, ou seja, ação e produto ao mesmo tempo. O conceito de base permanece o mesmo, porém: o transporte de idéias de uma língua para outra.

As duas acepções seguintes são um pouco mais interessantes, pois comportam uma visão mais aberta do termo tradução. Percebe-se que tradução pode ser uma imagem, uma interpretação ou um reflexo de um objeto ou texto, o que confere um certo grau de liberdade e independência ao texto traduzido. Mesmo assim, mantêm-se a ligação com o texto original.

Todavia, dicionários não representam uma autoridade teórica na área. Embora sejam úteis como primeiro passo, é importante prosseguir na análise do que alguns lingüistas dizem sobre o tema.

Em primeiro lugar, pode-se citar JAKOBSON, que define tradução como "...the interpretation of verbal signs by means of some other language"³. Embora o autor use a palavra interpretação, o que parece abrir os horizontes de possibilidades de tradução, percebe-se uma certa superficialidade em sua definição. Essa limita o ato de traduzir a signos verbais, deixando de considerar outras formas de tradução (semiótica, por exemplo). Mesmo assim, ele é muito feliz ao evitar o termo equivalente em sua definição, pois esse é um conceito dos mais discutíveis no âmbito da tradução, e que geralmente levanta a questão de fidelidade. Como alternativa à tarefa quase impossível de atingir um consenso a respeito de fidelidade ou de equivalência na tradução, LARANJEIRA defende o conceito de homologia como

a chave do problema⁴. Um texto homólogo reproduz a significância e o jogo de significantes do texto original, mantendo, ao mesmo tempo, um certo grau de autonomia.

Por outro lado, Rosemary ARROJO diz que "traduzir, mais do que transferir, é transformar: 'transformar uma língua em outra, e um texto em outro'".⁵ Vê-se aqui uma percepção diversa do ato de traduzir, em que o tradutor tem o direito de transformar, interferindo mais do que o simples transportador ou intérprete. Essa transformação de que fala ARROJO não implica na violação do texto fonte, porém. Embora a figura do tradutor seja mais presente e mais perceptível no processo tradutório, mantém-se um forte laço com o texto original. Ao aplicar as teorias desconstructivistas à tradução, cria-se o conceito de tradutor como leitor intermediário, ou superleitor, que tem a responsabilidade de decodificar, decifrar e desconstruir o texto para recriá-lo na língua meta. Contudo, o sucesso dessa desconstrução depende da capacidade do tradutor de identificar o átomo textual, ou a partícula indivisível que servirá de base para a reconstrução.

A busca por esse átomo lingüístico encontra uma analogia na filosofia oriental. Segundo o Bhagavad-gita, um dos textos mais importantes da religião hindu, há uma distinção bem clara entre alma e corpo:

³ JAKOBSON, R. *On linguistic aspects of translation*. In Brower, R. A. *On Translation*. New York, 1966, p. 233.

⁴ LARANJEIRA, M. Prefácio. In: COSTA, L. A. *Limites da Traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA, 1996, p. 14-16.

⁵ ARROJO, R. *Oficina de Tradução: A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

देहिनीस्मिन्वा देहे कीवरां यौवनं जरा ।
तथा देहान्तरातिथीस्त्व न मुच्यते ॥१३॥

dehīnī'smin yathā dehe
kīu-māraṁ yauvanam jarā
tathā dehāntara-prāptir
dhīras tatva na mučyate

"Como a alma corporificada passa continuamente, neste corpo, da infância à juventude e à velhice, da mesma forma a alma passa a um outro corpo depois da morte. A alma auto-realizada não se confunde com tal mudança."⁶

Esse verso explica como funciona, segundo a filosofia hindu, o processo da reencarnação. Embora não seja o objetivo deste trabalho lidar com crenças religiosas ou espirituais, é possível comparar a atividade da tradução ao processo de reencarnação. A literatura védica explica que a alma é imortal e sobrevive ao nascimento e à morte. A vida neste mundo material requer um corpo feito de matéria, o qual é diferente da essência espiritual de cada ser vivente. Esse corpo pode ser trocado conforme a necessidade ou o carma de cada um. Um outro verso do mesmo Bhagavad-gita diz que assim como nós trocamos de roupa sem que nos transformemos em pessoas diferentes, a alma troca de corpo mas continua a mesma:

⁶ BHAGAVAD-GITA, Português. O Bhagavad-Gita como ele é. Tradução da versão em inglês de A. C. Bhaktivedanta Swami. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust. Cap. 2, vers. 13, p. 52-53.

⁷ BHAGAVAD-GITA, Português. O Bhagavad-Gita como ele é. Tradução da versão em inglês de A. C. Bhaktivedanta Swami. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust. Cap. 2, vers. 22, p. 64.

वासासि जीर्णानि यथा विहाय
नवानि शूकानि नरोऽपराणि ।
तथा शरीराणि विहाय जीर्णो-
न्यवानि संचाति नवानि देही ॥२२॥

vāsāsaṁ jīrṇāni yathā vihāya
navāni śūkāni naro'parāṇi
tathā śarīrāṇi vihāya jīrṇāny
anyāni sañcati navāni dehī

"Assim como uma pessoa se veste com roupas novas, dispensando as velhas, de forma similar a alma aceita novos corpos materiais, dispensando os velhos e inúteis."⁷

Ao centro dessa teoria está o princípio de que a alma imortal é sempre a mesma, embora sofra alterações e possa progredir ou regredir em cada encarnação. O mesmo acontece com a tradução. Ao ser traduzido, o texto não deixa de ser a mesma entidade, o mesmo espírito, mas ganha uma nova roupagem, a qual pode enriquecê-lo ou desvirtuá-lo, conforme a habilidade do tradutor ou as características do próprio texto e da língua em questão.

O que vem a ser, então, essa alma de que se fala? É possível defini-la? Possui as mesmas características em todos os textos? Uma visão superficial levaria o tradutor a um juízo errôneo, talvez crendo que a alma seja feita de regras gramaticais ou de elementos contáveis. No caso da tradução poética,

tradutor, sob pena de estar alterando profundamente a alma do texto.

A alma que procuramos é, portanto, ao mesmo tempo formada por palavras, idéias, sons, associações, lembranças, etc., que se alternam sem nenhuma lógica explicável ao longo do texto, com a mesma fantástica falta de lógica da comunicação entre os homens. O tradutor de poesia (e aqui vale frisar que poesia é tudo o que é produzido com sentimentos e que gera sentimentos) deverá, mais que qualquer outro, deixar-se envolver pela língua e pelas línguas e mergulhar na busca pelo impossível. E aqui começa (ou termina) este trabalho: a busca pelo impossível, indizível, intraduzível.

Assim como a língua é formada por um sem-número de exceções e por um punhado de regras que tentam dominá-las, a tradução é a materialização do impossível, o desrespeito a todas as leis. O conceito de traduzível ou intraduzível dependerá do que esperamos da tradução, e pode variar conforme o momento, o lugar, a pessoa, o objetivo, o público, e tantas outras variáveis. Contudo, entre todos os tipos de tradução e todos os tipos de texto, a poesia costuma ser considerada o sumo da intraduzibilidade, e é por isso que o foco deste trabalho é os limites da traduzibilidade na poesia.

Uma última citação a respeito de tradução vem de Paul VALÉRY, que diz que escrever é traduzir. O poeta "traduz o discurso ordinário, modificado por uma emoção, em linguagem dos deuses"⁸. Assim sendo, todo ato de

exige-se uma cautela ainda maior do aspirante tradutor. O que determina o espírito de um texto pode ser aplicável somente àquele texto, pois lidamos com a unicidade da arte. O mesmo texto pode ter vários níveis de espírito, o que obriga o tradutor a fazer escolhas, mesmo estando ciente das perdas que sofrerá nesse processo.

A questão dos limites da traduzibilidade na poesia pode estar exatamente na capacidade de determinar a alma de cada texto. Se partirmos do princípio que essa alma é universal e eterna, então traduzi-la significa simplesmente trocar o corpo que a envolve.

O primeiro erro em que poderia tropeçar o tradutor inexperiente seria acreditar que a alma sejam as palavras utilizadas pelo autor. Ao buscar traduzi-las, acabaria por criar algo semelhante aos produtos de um tradutor eletrônico, sem pé nem cabeça.

Profissionais mais experientes poderiam argumentar que a alma é formada pelas idéias ou conceitos expressos pelo texto. O tradutor decodificaria essas idéias e as recodificaria na língua meta. Isso se parece bastante com a maior parte dos modelos de tradução existentes, geralmente aceitos como princípio básico da atividade, inclusive a descrição de ARROJO. Contudo, no caso da poesia ainda falta algo.

Sabe-se que a função poética explora a materialidade do texto, o qual se apresenta permeado de jogos de significantes. Essas características não podem ser desconsideradas pelo

⁸ VALÉRY, P. apud CAMPOS, H. Das estruturas Dissipatórias à constelação: a transcrição do lance de dados de Mallarmé. In: COSTA, L. A. Limites da Traduzibilidade. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 35.

criação é um ato de tradução, pois o artista/escritor/poeta traduz seus sentimentos em formas, palavras, sons. Ao tradutor cabe recriar o criado, retraduzir o já traduzido.

Um outro parêntese se faz necessário antes de adentrar a própria discussão da traduzibilidade: o conceito de língua. Segundo SAUSSURE, a língua é um conjunto de signos que exprimem idéias⁹. Parte-se de idéias abstratas que são materializadas e transformadas em expressão graças à língua. Esse conceito continua sendo a base de vários estudos sobre a traduzibilidade, segundo os quais idéias 'universais' podem ser expressas em qualquer língua, desde que exista o conceito dessas idéias naquela cultura. A neve, por exemplo, pode ser 'dita' por todos os povos que compartilham desse conceito, que têm experiência de 'neve'. Habitantes dos trópicos que nunca tiveram contato com a neve, nem com povos que a conhecem, não dispõem de meios para exprimir esse conceito. Em outras palavras, a língua é influenciada pela realidade e é um produto das experiências dos homens.

Por outro lado, os estudos de WHORF apontam para um conceito um pouco diverso de língua, em que o influenciado e o influenciável se fundem continuamente e são inseparáveis. Em seus estudos sobre o relativismo linguístico, a língua é descrita como uma visão de mundo, a qual ajuda a

⁹ SAUSSURE, F. Curso de lingüística geral. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blickstein. São Paulo: Ed. Cultrix, sem data. p. 24

¹⁰ WHORF, B. L. Language, Thought & Reality. Edited by John Carroll. Massachusetts: The MIT Press, 1979. p. 262.

que influencia seu comportamento e sua visão do mundo.

Ao considerar a traduzibilidade de um texto, o tradutor irá buscar no repertório da língua meta elementos que o ajudem a recriar o que ele leu na língua fonte. Recriar o quê, exatamente? Seria ingênuo crer que seja possível recriar tudo, pois o simples fato de estar usando significantes diferentes implica em alguma modificação, mesmo quando se trata da mesma língua. O tradutor lida, ao mesmo tempo, com vários níveis de texto e de intenções, e ele deve saber priorizar esses elementos ao fazer suas escolhas. Em geral, busca-se recriar o efeito produzido pelo texto na outra língua, embora haja, é claro, ocasiões em que o propósito da tradução altere a ênfase dada a este ou aquele elemento do texto. A questão do propósito é assim explicada por Roger Bell:

*"The translator has the option of focusing on finding FORMAL equivalents which 'preserve' the context-free semantic sense of the text at the expense of its context-sensitive communicative value or finding FUNCTIONAL equivalents which 'preserve' the context-sensitive communicative value of the text at the expense of its context-free semantic sense. (...) The crucial variable is the PURPOSE for which the translation is being made not some inherent characteristic of the text itself."*¹¹

À primeira vista, parece que essa afirmação defenda a idéia de que

qualquer forma de traduzir seja válida e dependa somente da vontade do tradutor, o que não é verdade. BELL é muito claro em sua definição da variável determinante do tipo de tradução a escolher. O elemento a ser levado em consideração, acima de qualquer outro, é o propósito da tradução. O mesmo texto pode ser tratado de uma ou outra forma em situações diversas, produzindo resultados satisfatórios em ambos os casos.

No entanto, se é aceito o princípio de que o leitor do texto traduzido deveria sentir o mesmo que o leitor do texto na língua fonte, o tradutor precisa conhecer ambas suficientemente para identificar as possíveis reações às escolhas do autor e tentar reproduzi-las. A língua, portanto, deixa de ser vista como um conjunto de palavras e passa a ser considerada um instrumento de mudança, por meio do qual o autor e o tradutor influenciam e modificam os leitores. Os leitores, por sua vez, não são personagens passivos nesse processo, pois sua percepção do mundo está atrelada à língua e modifica o próprio texto, influenciando, também, o trabalho do tradutor.

Traduzibilidade

Assim como há várias definições de língua e de tradução, os posicionamentos teóricos sobre a traduzibilidade vão de um extremo a outro, defendendo ora a intraduzibilidade total, ora a perfeita traduzibilidade.

STEINER¹² diz que cada indivíduo tem, do mundo, uma percepção diferente, e

¹¹ BELL, R. T. Translation and Translating, London: Longman, 1991. p. 7

¹² STEINER apud VARELA, L. M. A tradução traduz o tradutor. In: COSTA, L. A. Limites da Traduzibilidade. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 42.

cada discurso individual é apenas uma descrição menos completa, mais ou menos consciente dessa parcialidade. Uma comunicação perfeita exigiria "a total mental change", o que é, no mínimo, impraticável. Se o ato comunicativo comporta essas dificuldades no âmbito da mesma língua, pode-se imaginar quão mais difícil será a comunicação entre duas línguas distintas, em que as percepções do mundo são mais distantes. Por exemplo, embora cachorro, dog, perro e cane se refiram ao mesmo animal, e embora a imagem mental gerada por esses significantes possa ser a mesma, os atributos associados a eles dependem da visão de mundo de cada indivíduo. Para um indiano, o cão é o animal mais sujo e baixo de todos, enquanto para um ocidental ele pode ser visto como um membro da família. Daí, a ideia de impossibilidade da tradução completa.

HEIDEGGER¹³ também é da opinião que a língua determina nossa forma de pensar e ver o mundo. Ele afirma que "a língua é a casa do ser": não é a língua que se desenvolve em cada um de nós a partir da experiência que temos do mundo, mas o pensamento que é estruturado a partir da língua que falamos (determinismo ou relativismo lingüístico de Whorf).

Uma crítica a esse posicionamento seria a própria existência da tradução. Embora a teoria tente negar qualquer possibilidade de tradução, essa sobrevive e continua a influenciar a

forma de agir e pensar das pessoas nos quatro cantos do globo. Se a tradução fosse realmente impossível, não haveria judeus ou cristãos fora do Oriente Médio, budistas fora da Índia, psicanalistas que não falassem alemão, etc. A presença de textos traduzidos capazes de modificar a realidade de povos tão distintos prova a eficácia da tradução, mesmo quando essa não atende a todos os requisitos de equivalência absoluta.

Por sua vez, o conceito de traduzibilidade parcial é bastante difuso e geralmente aceito entre os profissionais que atuam na área. Ao contrário dos teóricos, que tendem a analisar a tradução como uma atividade ideal em que os resultados práticos não importam tanto, quem ganha a vida traduzindo costuma ter uma opinião baseada na realidade de suas experiências. Há, segundo eles, textos que apresentam poucos problemas de tradução e são, portanto, mais traduzíveis, e outros em que as dificuldades são tantas que, às vezes, nem vale a pena tentar traduzi-los. O tradutor profissional pesa constantemente os prós e os contras de cada texto e, para ele, o conceito de traduzível está ligado ao saldo de perdas e ganhos daquele trabalho.

Alguns teóricos compartilham dessa opinião e vêm corroborar o que dizem os práticos. Entre eles, CATFORD¹⁴ afirma que geralmente é possível traduzir, embora não sempre. Em

¹³ HEIDEGGER apud VARELA, L. M. A tradução traduz o tradutor. In: COSTA, L. A. Limites da Traduzibilidade. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 42.

¹⁴ CATFORD apud VARELA, L. M. A tradução traduz o tradutor. In: COSTA, L. A. Limites da Traduzibilidade. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 42.

alguns casos não há, na língua de chegada, características formalmente correspondentes a certas características formais existentes na língua de partida, gerando, assim, a impossibilidade da tradução.

No caso específico da tradução poética, JAKOBSON¹⁵ fala da transposição criativa como a única solução possível. A função do tradutor não se limitaria a transportar sentidos de uma língua para outra; ele interfere, participa, recita com base no texto original. MESCHONNIC¹⁶, por sua vez, diz que a poesia não é mais difícil de traduzir que a prosa. Embora pareçam contradições, essas posições enfatizam a traduzibilidade de todos os textos, inclusive os que primam pela função poética.

No extremo oposto, encontra-se SELESKOWICH¹⁷, para quem os problemas ligados à intraduzibilidade existem somente no plano teórico. Na prática, tudo que é pensado de forma clara pode ser claramente traduzido. Isso inclui, provavelmente, textos poéticos ou literários, onde a forma e conteúdo muitas vezes se determinam e/ou condicionam reciprocamente. Mesmo assim, é exagerado afirmar que seja impossível traduzir poesia. Impossível é reproduzir na língua meta todos os elementos do texto na língua fonte, o que, na verdade, embora mais visível nos textos poéticos, é aplicável a todos

os tipos de texto.

Há, contudo, um certo lugar comum entre escritores e lingüistas sobre a tradução de poesia. Uma das frases mais célebres sobre a tradução poética é, talvez, a que diz que poesia é tudo aquilo que se perde na tradução, atribuída a Robert Frost. Embora a autoria não seja comprovada, ela é frequentemente citada como um dos dogmas da tradução, e visa advertir os incautos sobre os perigos de tentar traduzir um poema. Há algo de verdadeiro nessa máxima? Será verdade que toda a poesia traduzida que lemos até hoje não tem nenhum valor poético? O que dizer então do soneto abaixo?

Soneto da Fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.
(Início de Moraes)

¹⁵ JAKOBSON apud VARELA, L. M. A tradução traduz o tradutor. In: COSTA, L. A. Limites da Traduzibilidade. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 43.

¹⁶ MESCHONNIC apud VARELA, L. M. A tradução traduz o tradutor. In: COSTA, L. A. Limites da Traduzibilidade. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 43.

¹⁷ SELESKOWICH apud VARELA, L. M. A tradução traduz o tradutor. In: COSTA, L. A. Limites da Traduzibilidade. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 43.

In all now to my love shall I be true
For ever and so much and with such care
That all the more, even the comeliest snare
Will but my love enhance my whole life
through.

I shall adore it in each moment vain
And in its praise I'll shout so many cheers.
I'll laugh my laughs and shed my share of
tears
At its despair of fair delight again.

Then when at length a shade on me is cast
Perchance by death, dire torment of the flesh,
By loneliness, perchance, all lovers' bane

I'll tell of love (the love I kindle fresh)
That it must mortal be since it is flame
Yet surely infinite while it is lost.
(Mark Ridd)

Ao comparar o texto em português com a versão em inglês, nota-se que o tradutor foi capaz de identificar e manter os elementos principais que formam a alma do poema. Por ser um soneto, a métrica e o esquema de rimas possuem um papel importante na leitura, o que deve ser considerado pelo tradutor. O poema em inglês manteve os versos decassílabos característicos dessa forma poética, assim como o esquema de rimas para os quartetos e os tercetos. As rimas do primeiro quarteto diferem das do segundo, mas isso em nada diminui a beleza do texto.

Acima de tudo, o tradutor logrou reproduzir os profundos sentimentos expressos pelo autor, permitindo que o leitor se emocione com o texto em inglês da mesma forma que se emocionaria se o lesse em português. Seria desonesto, portanto, dizer que a tradução desse soneto de Vinícius de Moraes não é poesia. As dificuldades pelas quais o

tradutor passou para chegar ao resultado final podem ter sido maiores, mas isso não impediu que ele prosseguisse e chegasse a um resultado surpreendente.

Posições radicais como a de Robert Frost são geralmente baseadas na incapacidade do tradutor envolvido no processo ou no preconceito que existe em relação ao que é poesia e o que se espera da tradução. Sobre o mesmo tema, W. H. Auden diz que "a essencial diferença entre prosa e poesia (...) a prosa pode ser traduzida em outra língua e a poesia não". O que é poesia, então? Se definirmos poesia como algo capaz de gerar transformações e emoções no leitor, então os poemas traduzidos não deveriam ter essa capacidade. Será que o próprio Auden condenaria a tradução abaixo de seu poema?

Musée des Beaux Arts

About suffering they were never wrong.

The Old Masters: how well they understood

Its human position; how it takes place
While someone else is eating or
opening the window or just walking dully
along:

How, when the aged are reverently,
passionately waiting

For the miraculous birth, there always
must be

Children who did not specially want it
to happen, skating

On a pond at the edge of the wood:
They never forgot

That even the dreadful martyrdom
must run its course

Anyhow in a corner, some untidy spot
Where the dogs go on with their
doggy life and the torturer's horse

Scratches its innocent behind on a
tree.

In Brueghel's Icarus, for example: how
everything turns away

Quite leisurely from the disaster; the
ploughman may

Have heard the splash, the forsaken
cry,

But for him it was not an important
failure; the sun shone

As it had to on the white legs disap-
pearing into the green

Water; and the expensive delicate ship
that must have seen

Something amazing, a boy falling out
of the sky,

Had somewhere else to get to and
sailed calmly on.

(W. H. Auden, December 1938)

Musée des Beaux Arts

Sobre o sofrimento, eram certos
Os Velhos Mestres: entendiam tão
bem

Sua dimensão humana; como
acontece

Enquanto alguém come ou abre a
janela ou simplesmente
passa;

Como, enquanto as velhas aguardam
com paciência e fervor

Pelo nascimento milagroso, há
sempre

Crianças que pouco se importam,
patinando

Em um lago à beira do bosque:

Nunca se esqueceram

Que até mesmo o pior dos martírios
tem de seguir seu rumo

De algum modo, na bagunça de um
canto

Onde os cães seguem sua vida de cão
e o cavalo do algar

Roga na árvore seu traseiro inocente.

No Icaro, de Brueghel, por exemplo:
como tudo vira,

Solentemente, as costas ao desastre;
talvez o lavrador

Ouvira a queda, o grito terminal,

Mas, para ele, não era revés maior; o

sol brilhava

Como devia sobre as brancas pernas
que sumiam nas verdes

Águas; e o barco delicado que vira

Algo incrível, um rapaz caindo do céu,
Tinha outro lugar para ir e seguiu no
prumo.

(L. E. Hargreaves, Junho 2000)

Como indica o próprio título, as imagens que geraram o poema são obras de arte. Ao observar quadros dos Velhos Mestres, Auden captou mensagens que podem ter passado despercebidas ao homem comum, e essas imagens foram transferidas (ou traduzidas) para o texto. Como fez tantas outras vezes em outros textos, Auden nos oferece uma visão crítica e cruel do mundo, alheio aos sofrimentos dos homens. Ele parece alertar para o egoísmo e a indiferença dos homens.

Embora sua visão do mundo não possa ser considerada otimista, não é a opinião de um homem deprimido. O autor constata algo que todos sabem, mas talvez tentem ignorar.

Ao tentar traduzir esse poema, é necessário levar em consideração esses fatores, que são, na verdade, mais importantes que alguns elementos formais como a rima ou a métrica. Em contraste com o soneto de Vinícius de Moraes, a forma toma-se secundária e dá espaço ao imaginário criado pelo autor. Se, ao ler o poema em português, o leitor for invadido pelo mesmo sentimento de abandono que permeia o texto em inglês, pode-se dizer que a tradução atingiu seu objetivo.

Há, contudo, outros autores famosos que vêem a tradução como uma arte menor, um produto inferior à criação original. Com as seguintes palavras, Voltaire advertia os leitores

sobre as limitações da tradução: "... lembrai-vos, sempre, quando virdes uma tradução, que vedes uma fraca estampa de um belo quadro". Já Heinrich Heine comparava a tradução a "um raio de luar empalhado". Percebe-se nessas palavras um forte preconceito contra a tradução, sempre depreciada quando comparada ao texto original. É interessante notar que os próprios poetas que condenam a tradução fizeram largo uso dessa arte, tanto no papel de leitores quanto no de autores traduzidos. Assim como Auden, no exemplo acima, Voltaire, Heine, Alighieri, entre tantos outros, atingiram o Olimpo da Poesia graças ao reconhecimento mundial de sua arte, um resultado das várias traduções de seus trabalhos. Por que, então, todo esse preconceito? Haverá alguém a favor da tradução, mais especificamente da tradução poética?

Bem, pelo menos um poeta exprimiu-se a favor da tradução. Haroldo de Campos diz que quanto mais intraduzível o texto, mais sedutor, pois apresenta mais possibilidades de recriação aberta¹⁸. Voltando ao que dizia JAKOBSON sobre transposição criativa, a função do tradutor de poesia está ligada à sua capacidade criativa, mais que ao mero conhecimento das línguas. Visto sob esse prisma, o conceito de traduzibilidade assume novas características e passa a ser menos concreto. Não se pode mais dizer que um texto seja ou não traduzível, ou que uma expressão exista ou não na outra língua. A própria atividade de tradução é vista sob um

outro prisma, o que exige do tradutor uma postura mais ousada, mais livre e ao mesmo tempo mais cuidadosa.

A traduzibilidade, portanto, está intimamente ligada à postura do tradutor em relação ao texto e às expectativas do leitor do texto traduzido. É possível traduzir mesmo o mais complexo dos textos, desde que se estabeleça claramente o propósito dessa tradução e se tenha a consciência de que a tradução é uma atividade criativa. Isso transforma o tradutor em um agente participativo e visível nesse processo.

Intraduzível / indizível

Retomando a visão de Haroldo de Campos sobre o fascínio de traduzir o intraduzível, é essa, provavelmente, a diferença entre o *tradutor-amante* e o *tradutor-operário*. O primeiro sente atração pelo não dito e não traduzido, vendo nele a possibilidade de criar algo novo. O segundo, conta quantos minutos perderá tentando encontrar a solução para um ou outro vocábulo ou texto e, quando percebe que a solução levará muito tempo, tacha o texto de intraduzível. Mas será realmente impossível MESCHONNIC, citado por LARANJEIRA, "O indizível é ilusão, projeção no já dito daquilo que ainda não foi dito, um nunca dito que é trabalho em curso. [...] Existe apenas a linguagem, e um silêncio como os vazios dos mapas antigos, mas indefinidamente crescentes, indefinidamente reduzidos"¹⁹. Para ele, o indizível é o que ainda não foi dito, é algo sendo criado, ainda por nascer. O mesmo se aplica ao

¹⁸ CAMPOS, H. Das estruturas Dissipatórias à constelação: a transcrição do lance de dados de Mallarmé. In: COSTA, L. A. Limites da Traduzibilidade. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 33.

intraduzível. O intraduzível é, portanto, o que ainda não foi traduzido.

O tradutor que busca soluções fáceis e respostas prontas para qualquer problema esbarra frequentemente na barreira da intraduzibilidade. Por outro lado, aquele que vê na tradução a possibilidade de realizar-se artisticamente busca no intraduzível o estímulo para criar.

Da mesma forma, o intraduzível hoje pode não sê-lo amanhã. Com a experiência que adquire ao longo da vida, o tradutor tende a ousar mais e participar mais do processo criativo com o passar dos anos. Assim, o que ontem parecia impossível de realizar, hoje passa a ser um desafio, e amanhã se apresenta como uma grande realização.

Entretanto, isso se aplica à traduzibilidade de um texto como todo. Certamente, esses posicionamentos devem ser revistos ao lidar com fragmentos de texto, ou elementos linguísticos menores. Nesse caso, é possível afirmar que nem tudo é traduzível. Um exemplo clássico, seriam os trocadilhos, tão comuns em várias línguas. Como o valor do trocadilho está na relação que existe entre as palavras e sua sonoridade, e como essa relação geralmente não se repete em duas línguas, a escolha do tradutor torna-se muito mais difícil. Ao considerar, por exemplo, a famosa frase "traduttore, traditore", qualquer tentativa de tradução literal frustraria seu propósito, isto é, divertir com o jogo de palavras. A optar por "tradutor, traidor", mantém-se o significado mas

se perde o trocadilho. Qualquer tentativa de manter um trocadilho modificaria o sentido da frase (como, por exemplo, "tradução, traição" ou "tradição, traição"). O que fazer, então? Como lidar com elementos que pertencem a somente uma língua mas que não podem ser ignorados pela tradução? Além de trocadilhos, há também expressões idiomáticas, metáforas, rimas, aliterações, palíndromos, etc. Todos requerem uma atenção especial e um tratamento diferenciado por parte do tradutor. Como lidar, por exemplo, com os seguintes conselhos para tradutores?

É inútil dar murro em ponta de faca, pois alguém vai ter de pagar o pato. A menos que se queira pendurar as chuteiras, é melhor deixar de encher lingüça e começar a andar na linha. Para não pisar na bola na hora de descascar o abacaxi, o que o faria entrar pelo cano, o tradutor deve evitar fazer uma tempestade em copo d'água ou meter os pés pelas mãos. Às vezes, é preciso engolir o sapo e tentar tirar leite de pedra, pois, afinal de contas, o tradutor está com a faca e o queijo na mão e, se não enfiar o pé na jaca, pode realmente acertar na mosca. Porém, se ele está se lixando pois tem o rei na barriga, vai acabar marcando touca, pois todas esperam que o tradutor troque as bolas e fique cheio de minhoca na cabeça. Não se trata de dourar a píluia, nem de ver pelo em ovo. Para não vir a chorar sobre leite derramado,

¹⁹ MESCHONNIC, H. Pour la Poétique II: épistémologie de l'écriture poétique et de la traduction. Paris: Gallimard, 1973. p. 166-167 apud LARANJEIRA, M. Prefácio. In: COSTA, L. A. Limites da Traduzibilidade. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 14-16.

antes de bater as botas e chutar o balde o tradutor deve arregaçar as mangas e, quem sabe, soltar a franga. Só assim conseguirá, talvez, traduzir um texto sem pé nem cabeça como este sem pisar na bola.

Quem se atreveria? Ainda bem que desafios como esse não aparecem todos os dias! Certamente, não é comum encontrar tantas expressões idiomáticas juntas no mesmo texto. O que se faz, em geral, no caso de uma expressão que não tenha um equivalente direto na outra língua, é tentar compensar uma perda com um ganho. Isso se aplica também aos outros elementos citados acima. Ao tropeçar em um jogo de palavras ou um provérbio, o tradutor tenta encontrar algo semelhante na língua meta. Caso não exista (o que é comum, devido à unicidade das línguas), tenta-se encontrar um substituto à altura. O que determinará a escolha será, novamente, o propósito do texto. As seguintes situações podem vir a ocorrer:

- Um trocadilho com a simples função de divertir, cujo significado não influi minimamente no sentido geral do texto: em casos assim, o tradutor procura um substituto qualquer que seja igualmente divertido e que se encaixe na situação, independentemente do seu significado. Por exemplo, na tradução de filmes é comum substituir trocadilhos, trava-línguas, etc., para manter a fluência e a naturalidade do discurso oral;

- Um trocadilho que diverte, mas cujo significado é fundamental para o

prosseguimento do discurso: aqui, é necessário traduzir as palavras, mesmo sabendo que se perderá o humor. O tradutor deve tentar incluir, em um outro lugar ao longo do texto, um elemento semelhante (trocadilho, expressão idiomática, etc.), compensando a perda sofrida. Isso é bastante comum na tradução literária ou poética, em que geralmente é possível substituir metáforas, aliterações, etc. por outras de efeito parecido, mantendo-se o equilíbrio final;

- Um trocadilho cuja compreensão é importante, pois o objetivo da leitura é aprender sobre a cultura e as formas de expressão utilizadas na língua fonte: às vezes, é necessário traduzir o trocadilho e explicá-lo, com o intuito de permitir que o leitor entre em contato com a outra cultura. Nesse caso, utilizam-se notas de rodapé e explicações que ajudem o leitor a entender a graça daquela expressão. É o caso, por exemplo, do trocadilho citado anteriormente: "traduttore, traditore". Se o objetivo for simplesmente entender o que se diz sobre tradução, é possível explicar, no próprio texto ou em uma nota, que em italiano, a máxima "Tradutor, traidor" é um trocadilho famoso sobre as falhas da tradução;

- Um trocadilho, ou provérbio, que tem um correspondente na língua meta: é muito comum que provérbios tenham correspondentes na língua meta, mesmo com diferenças semânticas. É o caso, por exemplo, de "bater as botas" e "kick the bucket". Um corresponde ao outro, embora as imagens não sejam as mesmas;

- Um provérbio, ou trocadilho, que existe em ambas as línguas: caso raro, embora não impossível, de coincidência entre duas línguas. De tão raro, esse fenômeno costuma surpreender o próprio tradutor quando ocorre. O provérbio *Better late than never*, por exemplo, existe em várias línguas na mesma forma (*Antes tarde do que nunca*, *Meglio tardi che mai*, etc.).

Portanto, temos dois conceitos diferentes de traduzibilidade. Por um lado, é possível dizer que todo texto é traduzível, desde que se identifique o que é necessário manter e o que é possível substituir. Visto como um conjunto finito e completo, o texto é traduzível, pois sua alma pode vestir corpos diversos. Mesmo que a versão em outra língua tenha diferenças e use artifícios diversos para atingir seus objetivos, a tradução é possível, quando produz no leitor os efeitos esperados.

Por outro lado, as minúcias do texto pertencem à língua em que ele foi escrito pela primeira vez. A tradução literal, palavra por palavra, é uma ilusão, pois, mesmo se forem consideradas equivalentes, duas palavras em línguas diferentes continuam diferentes. Na verdade, nem mesmo traduções intralinguais são literais, pois esbarram na inexistência da sinonímia perfeita.

O que ocorre neste caso é o mesmo que se verifica em outros aspectos da teoria da tradução, na qual parece haver mais exceções que regras. Assim sendo, é aceitável que dois conceitos contraditórios sejam verdadeiros e convivam no mesmo texto. A traduzibilidade e a intraduzibilidade são

dois opostos que se unem e se completam na prática da tradução. Ao ser obrigado a alterar um elemento do texto devido à sua intraduzibilidade, o tradutor garante a traduzibilidade do próprio texto como um todo.

Considerações finais

O que mais há para ser dito sobre os limites da tradução? Provavelmente, o ponto mais importante em todo este trabalho é a fusão dos dois conceitos opostos em um só. A impossibilidade da tradução perfeita, causada pelas diferenças entre as línguas e entre as próprias palavras de uma mesma língua, força o tradutor a procurar alternativas que o ajudem a recriar o texto em outra língua. Esse tradutor/coautor garante, assim, a traduzibilidade do texto como um todo.

Em princípio, portanto, todo texto é traduzível. As dificuldades devem ser vistas como desafios, não como limites. Cabe ao tradutor identificar como vencê-los, dizendo o indizível.

Acima de tudo, é preciso ousar.

Palavras finais

Ao chegar ao final deste trabalho, peço a licença ao leitor para utilizar a primeira pessoa. Sei que não é apropriado em se tratando de um texto acadêmico, mas é difícil isolar-se totalmente do objeto de estudo quando esse faz parte de nossa vida.

Gostaria simplesmente de acrescentar, talvez me repetindo, que traduzir faz parte, na minha modesta opinião, do universo do inconcebível. É algo que comporta dentro de si imensas contradições, sendo possível e impossível ao mesmo tempo. Mesmo que eu (ou alguém) consiga me

convencer da impossibilidade de traduzir, continuarei tentando. Talvez, quem sabe, um dia,...

Bibliografia:

ARROJO, R. (1986) *Oficina de Tradução: A teoria na prática*. São Paulo: Ática.

AUDEN, W. H. (1979) *Selected Poems* / Edited by Edward Mendelson. London: Faber & Faber.

BELL, R. T. (1991) *Translation and Translating*. London: Longman.

BHAGAVAD-GITA.(s/d) *Português. O Bhagavad-Gita como ele é. Tradução da versão em inglês de Bhaktivedanta Swami, A. C.* São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust.

COSTA, L. A. (1996) *Limites da Traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA.

BROWER, R. A. (1996) *On Translation*. New York, p. 223.

MICHAELIS M. (1998) *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos.

PAES, J. P. *Tradução: A Ponte Necessária - Aspectos e Problemas da Arte de Traduzir*, São Paulo: Editora Ática, 1990.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. Tradução de: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Ed. Cultrix, 1992.

WHORE, B. L. *Language, Thought & Reality*. Edited by John Carroll. Massachusetts: The MIT Press, 1979. p. 262.

DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS NA ÁREA DE LINGÜÍSTICA APLICADA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Título: UM TOQUE DE PROPAGANDA EM SALA DE AULA
Autor: Rosane Maria Isaac
Orientador: Prof. Dr. Graham Howells.
Dissertação de Mestrado
Data da defesa: 2001

Pesquisa ação que apresenta resultados do toque de propaganda no grupo de estudantes de Língua Inglesa IV, na Universidade Católica De Goiás, cujo objetivo principal foi constatar até que ponto este conteúdo extra enriqueceria o vocabulário desses alunos e se eles sentiriam mais prazer em aprender inglês. Com o auxílio do instrumento computacional Concordance, os dados coletados das composições no pré e pós-teste foram organizados e analisados sob a luz da Abordagem Comunicativa, Lexical, Análise do Discurso, Análise do Discurso Crítico e Lingüística Aplicada Crítica. Com base na experiência com propagandas e anúncios, no grupo de Língua Inglesa IV na UCG, podemos afirmar que os resultados apresentados nesta pesquisa foram: primeiro, uma mudança quantitativa na seleção vocabular dos alunos; segundo, o caminhar deles na Língua Inglesa foi mais prazeroso. Para finalizar observou-

se que, embora tenha havido mudanças lingüísticas, ainda há muito a se fazer para esses alunos.

Título: AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INSTRUMENTAL EM SALA DE AULA DE GRANDE PORTE: O ESTUDO DIRIGIDO ELETRÔNICO PARA ESTUDANTES DE INFORMÁTICA.
Autor: Giovanna Alves Mendonça Teles
Orientador: Profa. Dra. Maria Jandyrá Cunha
Dissertação de Mestrado
Data da defesa: 2001

Este estudo analisa um material didático eletrônico e de seu uso para o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem em sala de aula de grande porte, no ensino de inglês para fins específicos. A pesquisa demonstrou: a deficiência do aluno em relação a prática no computador; a resistência inicial que mostra que o aluno não está em sintonia com o seu tempo, já que o computador e uma ferramenta necessária nesta era eletrônica; ser o material didático eletrônico um instrumento de acesso não só ao conteúdo dado em sala de aula, mas também a tópicos